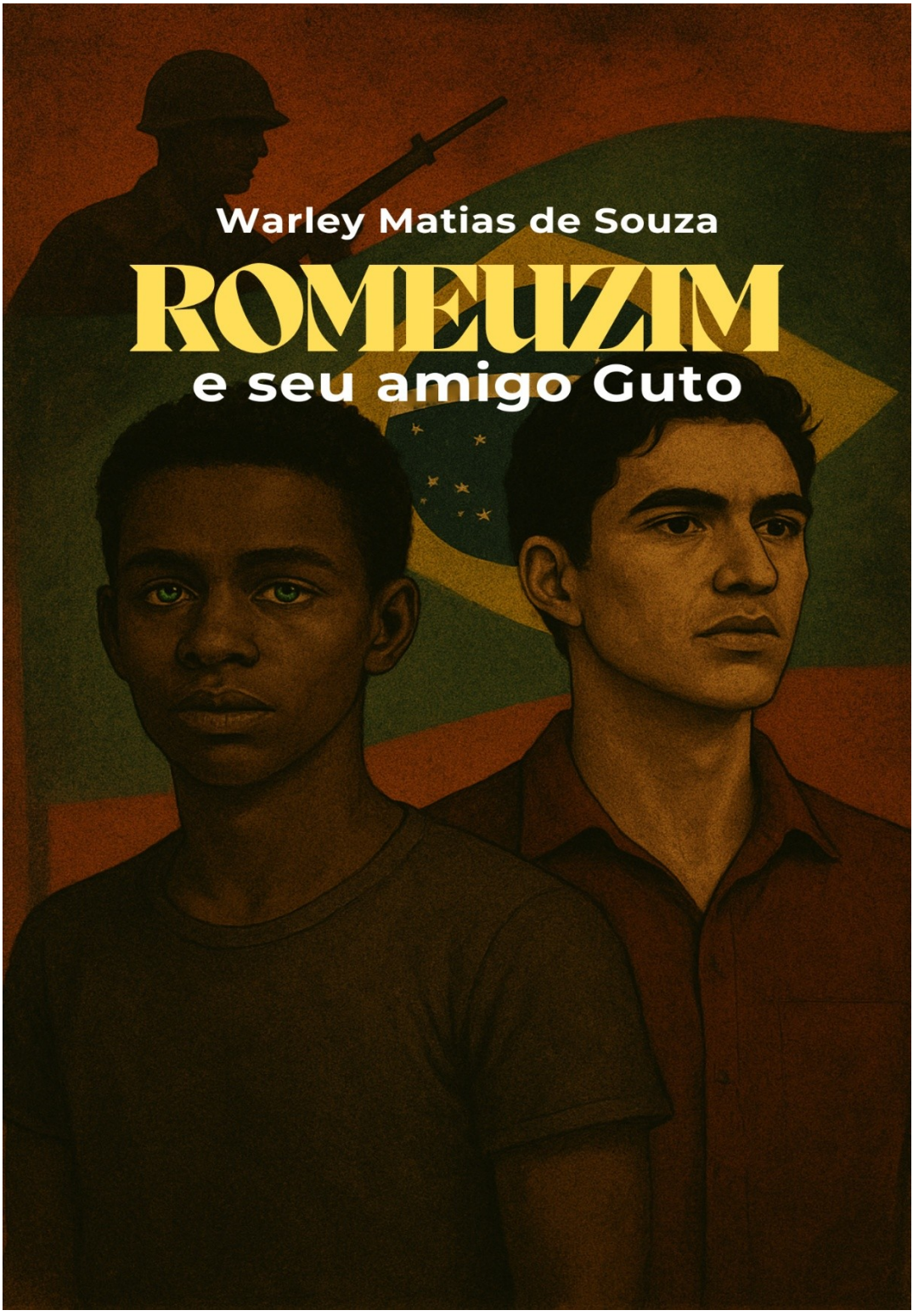
Warley Matias de Souza
ROMEUZIM
e seu amigo Guto

Warley Matias de Souza

ROMEUZIM

e seu amigo Guto

Souza, Warley Matias de, 1974-
Romeuzim e seu amigo Guto / Warley Matias de Souza. –
1ª ed., 2024.
ISBN 978-65-00-98075-2
1. Literatura brasileira. I. Título.
CDD-B869
ROMEUZIM E SEU AMIGO GUTO
Copyright © 2024 WARLEY MATIAS DE SOUZA

Imagem de capa: gerada por IA

(Obra revista pelo autor em 2025)

Luz. Som. Cheiros. Não que antes fosse escuro e silencioso. Havia a luz da consciência nascente. O som confuso que vinha de fora. Mas a confusão de cheiros ao nascer, me deixa alerta.

Paladar. A primeira mamada. No seio de minha mãe. Anos depois, devo ter tentado reviver esse momento. Tantos paus que mamei, nem te conto. Ou melhor, conto sim, talvez mais tarde.

O bebê bonitinho. Pretinho como a mãe. Olhinhos verdes, como os do pai. Pai. Figura autoritária e intolerante. Policial militar e católico. Branco, olhos verdes, cabelo crespo e ralo.

Mãe. Proteção e crítica. Preta e estonteantemente bela. O marido seria mais ciumento, se ela não fosse uma mulher de fé. É crente, uma vergonha para sua família católica.

Ainda não sei, sou consciência nascente, você se lembra? Ainda não sei, mas sou homossexual, *gay*, viado, bicha e outros rótulos que me darão durante toda a vida. Sou, só que não tenho a consciência. Sou, e isso está além de saber que sou.

É amor de pai e mãe? Toque. Abraço. Sorriso. Beijo. Olhar de profundidade marítima. É amor? Dizem que sim. Eu não sei. Do outro só sei a dúvida.

Minha cantiga de ninar é hino religioso. Culto ao deus que me deu a vida para adorá-lo. Para a

minha mãe, a vida se restringe a isto: adorar. Ateísmo é pecado. Mais grave do que o pecado de ser eu? Ateu voltarei a ser, no futuro.

Sou todos os sentidos e pouco pensamento. Tenho necessidades. Tudo é descoberta. A dor se mistura ao prazer. E me familiarizo com o ambiente. Aprendo a conviver com estes que chamarei de pai e mãe.

Gosto do cheiro dele, de pai, de homem. Seu sorriso me encanta, gosto de olhar o seu nariz. “Papai” será minha primeira palavra dali a alguns meses.

— Romeuzim, você vai ser um jogador de primeira, não vai? Vai driblar papai? Vou te ensinar o “passo de ganso”, vou sim!

Eu sorrio sem entender nada do que ele diz, mas sei, por instinto, que o tom de voz é amigável, protetor, afetivo. Ele ainda tem esperança em mim. Mas meu talento para o futebol será nulo, serei sua grande decepção.

Durante toda a minha vida, as pessoas pensarão que me chamo Romeu em homenagem ao personagem célebre de Shakespeare. Mas não, é em homenagem ao jogador de futebol Romeu Pellicciari, do qual meu pai é fervoroso fã.

— Que nome feio! — disse minha mãe, logo que nasci e meu pai propôs a homenagem. — Não quero meu filho com esse nome!

Mas meu pai é persuasivo. Sabe fazer cara de vítima e despertar a compaixão cristã. E faz minha mãe, apesar da culpa, delirar na cama (ai, Jesus, que pecado!) e acredita que o homem deve ter a palavra final.

— Na minha casa, homem veste calça!

Ele quer dizer que ele não veste saia, pois saia, para ele, é coisa de mulher. E, obviamente, filho dele também não pode usar saia, literal e metaforicamente.

Ele só fala da Copa do Mundo de 1950. Primeira vez no Brasil! Ele gosta de bola e buceta. É o símbolo do macho médio brasileiro. E deus aqui, e promessa ali. Minha mãe torce o nariz. Usar deus em coisa de jogo! Onde já se viu isso? No Brasil!

Os rádios ligados, os homens só pensam em futebol e sexo. Futebol antes de sexo. As mulheres balançam suas cabeças, críticas. Outras riem, alegres com seus maridos.

— Futebol é esporte de macho, Romeuzim!

— Que jogo bobo! — diz minha mãe.

— Sai pra lá, Eugênia! Mulher não entende de futebol. E dá azar. Sai pra lá!

Maracanaço! Quando a derrota brasileira dá a vitória ao Uruguai, vejo meu pai chorar, feito criança. E choro também. Ele se afasta, tem vergonha porque homem que é homem não

chora. Minha mãe quer consolar o marido, mas ele se tranca no quarto.

Então me levanto, dou meus primeiros passos. Fico surpreso. Paro de chorar. É que o esforço exige concentração. Minha mãe vê o menino vacilante, no esforço de se manter em pé.

— Romeuzim, meu filho. Vem cá na mamãe. Vem cá, meu filho.

O tom de voz dela me acarinha e arranca meu sorriso de alguns dentinhos.

— Artur! Vem ver, Artur!

Mas meu pai sofre no quarto. Sofrimento de homem. A derrota do Brasil não sai de seu coração de homem. Homem que não chora. Mas o futebol faz chorar, é o esporte da paixão.

Quando ele aparece, já é tarde, estou caído de bunda no chão. Os olhos vermelhos dele buscam a novidade. Mas, neste dia, não quero mais. Sou preguiçoso. Mesmo assim, trago um pouco de esperança para o meu pai.

No dia seguinte, o presente. Uma bola! Pego-a com as mãos curiosas, quero morder e babar nela. Mas ele quer me ver chutar o globo colorido.

Presenteio meu pai. Levanto-me. E, de braços abertos e vacilantes, equilibro-me até os seus braços, que me seguram antes da queda. E sinto seu eterno cheiro! E quero ser ele, entrar dentro dele, não sair nunca mais.

Minha mãe espalha a notícia pela vizinhança.

— Fez um ano faz poucos dias. E ontem, deu os primeiros passos.

Meu pai me olha, com olhos brilhantes e lábios vermelhos e molhados. A bola colorida nas mãos.

— Vem pegar a bola, Romeuzim.

Romeuzim vai, mas ainda não consegue chutar, precisa se equilibrar. Não é um prodígio, só um menino normal.

Com o passar dos dias, minhas pernas se acostumam a caminhar, o mundo me fica acessível. E os cuidados de minha mãe redobram. Afinal, eu agora posso ir ao encontro dos meus desejos.

Meu pai vive o luto futebolístico por quase um mês. Mas, como bom brasileiro alienado, sua esperança suplanta a realidade. Daqui a quatro anos...

Policial militar de cidade do interior, ele sonha em mudar para a capital. Ele quer descontar as frustrações na “marginália” da cidade grande. Essas mãos que acariciam minha cabeça também desejam dar sopapos mil.

— Ah, Romeuzim, você vai ter um destino melhor do que o meu. Vai ganhar muito dinheiro como jogador de futebol. Vai ter todas as

mulheres do mundo. E vai dar uma velhice boa pro seu pai aqui.

Ele quis ser jogador de futebol, mas a sorte não sorri para todos. Tem talento nos pés o meu pai, mas acabou com um cassetete nas mãos, uma arma de fogo doida para entrar em ação, mãos espalmadas para o tapa, punhos fechados para o soco.

Chuta bolinha pra cá, chuta bolinha pra lá. Papai feliz com o futuro craque do futebol. Enquanto isso, minha mãe me impressiona com suas orações diárias. O pastor diz que ela deve levar o menino ao culto para ele já ir se acostumando a adorar ao Senhor.

A devoção fervorosa dos fiéis provoca o choro do menino. Mas depois, ele se acostuma. É assim a vida: surpresa seguida de adaptação. Sou animalzinho adaptável... até certo ponto.

Getúlio Vargas volta ao poder, e meu pai é fã do “pai dos pobres”, caçador de comunistas safados. Mas como pode ser as duas coisas?

— Ah, Eugênia! Mulher não entende de política. Fica de bico calado!

Minha mãe acha normal o marido considerá-la acéfala, de pouca inteligência. E acha, mas não tem certeza, que deus deu o pensamento ao homem e o sentimento à mulher.

— Ouvi falar que ele é comunista, pois deu direitos aos trabalhadores — minha mãe insiste.

Meu pai coça a cabeça, incomodado com a insistência da mulher em pensar. É algo vergonhoso para ele ser menos inteligente do que uma mulher.

— Fofoca das suas amigas, é? Não sabia que crente é dada a essas coisas. Falar mal dos outros é pecado, sabia, Eugênia? Mas eu só sei que ele é contra o comunismo, isso eu sei!

— Mas o que é comunismo afinal?

Meu pai já está irritado.

— É complicado, Eugênia, você não vai entender.

Mas ele não sabe que raio é esse tal de comunismo. Ele só sabe que é ruim e ponto-final. O perigo vermelho! É getulista até a morte.

— O mundo está perdido mesmo! — diz minha mãe. — A televisão é a prova disso.

— Do que você está falando, Eugênia? O que tem a televisão a ver com o fim do mundo?

— O pastor é que disse que é um sinal dos tempos!

— Ah, esse seu pastor é um idiota. O que tem a ver o cu com as calças?

— Artur, não fale palavrão perto do menino!

— Homem que é homem fala palavrão! É bom ele já ir aprendendo a se comportar feito macho.

Minha mãe balança a cabeça de um lado para o outro. E meu pai reflete:

— Esse barulho todo com a televisão. Besteira! O rádio vai continuar sendo a preferência do brasileiro. Pra que televisão se tem o cinema? E também é coisa de rico. Pobre não vai conseguir comprar isso não!

— Sei não! Esse seu Getúlio está permitindo coisa de mais.

— Mulher, para de criticar o Getúlio. Você não viu que ele fez uma lei a seu favor?

— Está falando de quê?

— A lei... deixa eu lembrar... a lei... Afonso Arinos! Isso. Lei Afonso Arinos.

— E o que é isso?

— Proíbe discriminação contra preto, mulher! Você não é preta? Seu filho não é preto? E eu sou policial! E fico feliz com isso.

— Peraí. Mas por que a lei se chama Afonso Arinos?

— Acho que é o nome de um deputado.

— Então a lei é dele e não do Getúlio, não é não?

Meu pai, irritado, desabafa:

— Por que você tirou o dia pra me desafiar, Eugênia? Por que não fica calada e só aceita o que eu estou te falando? Que mulher mais encrenqueira! Nem parece crente.

Palavras, palavras. Sou um menino tagarela. Papai pra lá. Papai pra cá. Quero papai! Quando ele chega mais cedo do trabalho, vestido com sua farda de policial, agarro-me em suas pernas. Ele me carrega nos braços e me olha com orgulho de procriador.

— Cuidou da mamãe enquanto o papai estava prendendo os bandidos?

— Cuidei!

— Isso mesmo!

Ele me põe no chão e beija o rosto de minha mãe.

— Qué jogá bola, papai?!

— Depois, Romeuzim. Papai está cansado.

— Vamo jogá bola, papai!

Não conheço cansaço de adulto, por isso insisto, choro, quero meu pai perto de mim. Ele cede.

— Só um pouquinho.

— Só um pouquinho — repito.

No quintal, chuto a bola em um gol improvisado com as botas militares do meu pai. Uma de cada lado, a bola passa pelo centro,

debaixo da perna do meu pai, que, de propósito, deixa o menino fazer gol.

— Gol, Romeuzim! Gol!

— Gol!

— Você é um artilheiro foda!

Nesse momento, minha mãe está passando rumo ao arame de roupas.

— Já disse pra não dizer palavrão perto do menino, Artur!

Meu pai nem responde mais, pois falar palavrão o faz sentir-se macho, e isso ninguém pode tirar dele.

— Vou tirar as roupas do arame antes que vocês sujem tudo com essa bola.

Meu pai deita no gramado. Eu me sento em sua barriga e fico olhando para esse rosto de homem que tanto amo. Passo a mão no meu rosto.

— Quero barba também.

Ele ri, feliz de ser pai de um menino.

— Quando crescer, Romeuzim, você vai ter barba.

— Quero crescê logo intão.

Deito em seu peito, ouço seu coração bater, e isso me acalma. No futuro, deitarei sobre o peito de vários homens na esperança de sentir esta sensação de novo. Porém, ela nunca mais se repetirá.

— Vou tomar banho, Romeuzim. Estou muito cansado.

— Mais um gol!

— Só mais um.

Ele se coloca entre as traves-botas-de-policial. Chuto, confiante. Ele cai, teatral. Eu rio. Ele agarra a bola. De novo, eu chuto. Agora ele deixa passar.

Depois de tomar banho, ele dá banho em mim. Nunca fica nu diante do filho, pois acha que isso não é moralmente correto. Enquanto ele passa a bucha cheia de sabão no meu corpo, eu brinco com um aviãozinho de plástico.

Minha mãe fala, à porta do banheiro:

— Sabia que mil novecentos e cinquenta e dois é ano bissexto, Artur?

— Ah, é?

— O pastor disse que coisas estranhas podem acontecer.

— Ah, esse seu pastor é um idiota, eu já disse mil vezes.

— É um homem de deus!

— Sei.

— Você bem que devia ir comigo no culto.

— Não, mulher. Vou morrer católico. E para de insistir.

— A gente só quer o bem de quem a gente ama.

— O meu bem está no catolicismo.

— Duvido muito.

— Eugênia, esse idiota fez lavagem cerebral em você.

Meu pai enrola-me na toalha e me entrega à minha mãe.

— Toma, enxuga o menino.

— Nossa, Artur, você fica irritado com qualquer coisa.

— Esse seu pastor está colocando você contra mim, Eugênia. Ele quer acabar com nosso casamento. Pensa bem nisso, mulher.

Ela dá de ombros e pensa que o marido não tem jeito e que o pastor está cheio de boas intenções e que o Romeuzim vai ser um homem de fé, se deus quiser!

Tenho um amiguinho e uma amiguinha. Filhos de vizinhos. Heitor é preto como eu e já gosta de futebol mais do que eu. Meu pai às vezes olha o menino brincar com a bola e sente um misto de empolgação e inveja.

“Esse menino tem futuro no futebol! Ah, se o Romeuzim fosse assim! Mas o Romeuzim...”

O Romeuzim não sou muito bom de bola, mas tenho apenas quatro anos, ou melhor, quase quatro anos. O Heitor tem cinco, então, talvez, daqui a um ano, eu...

Meu pai, como todo mundo, gosta de se enganar.

Bianca tem olhos pretos, mas a pele é clara, com sardinhas no rosto. Ela tem a minha idade, e meu pai diz que ela é minha namorada. Então, acredito, apesar de não saber o que significa ter namorada. Mas parece ser uma coisa boa.

Heitor às vezes briga com Bianca, empurra a menina. Um dia, ela cai e chora. A mãe de Heitor dá uns tapas no filho.

— Homem que é homem não bate em mulher! — ela diz, enquanto o menino chora.

Ela pede desculpas à mãe da Bianca, que promete não deixar mais a filha brincar com o Heitor. Só comigo Bianca pode brincar, pois eu sou um menino delicado. Ao ouvir a palavra “delicado”, meu pai fica vermelho e se afasta, enquanto a vizinha me elogia mais e mais diante da minha mãe.

Assim, às vezes eu brinco com Heitor, às vezes com Bianca. Nunca com os dois ao mesmo tempo. Com Heitor, eu jogo bola, brinco de carrinho, de luta. Com Bianca, eu brinco de boneca e de casinha.

— Não pode, Eugênia! Menino não pode brincar de boneca.

— Mas o que é que eu vou fazer?

— Proíbe o menino de brincar com menina!

— A mãe dela é da minha igreja, não posso fazer inimizade com uma irmã em Cristo.

— Então, pra não ter problema com essa crente, você vai deixar seu filho virar viado?

— Deus me livre e guarde, homem! Vira essa boca pra lá!

É a primeira vez que ouço a palavra “viado”. Não sei o que é, mas parece ser uma coisa ruim. Minha amizade com Bianca continua, e meu pai todo dia faz questão de dizer que ela é minha namorada.

— O pastor disse que a Inglaterra agora tem uma rainha! Falou que é sinal dos tempos uma mulher comandar uma nação.

Meu pai balança a cabeça de um lado para o outro.

— Eugênia, não é a primeira vez que tem rainha no mundo não. Parece que você nunca foi à escola, mulher!

— Você sabe que só estudei três anos. E foi bom assim. O pastor disse que estudo faz a pessoa ficar ateia.

— Esse seu pastor é um idiota!

— A Creuza da esquina, aquela que está grávida, vai colocar o nome de Elisabete na filha dela, se for menina. Ela acha que vai ter uma filha rainha.

— Maledicência não é pecado, Eugênia?

— Só estou comentando, homem! A gente não pode falar nada!

Mais uma Copa do Mundo, agora na Suíça. Meu pai, mais uma vez, fica cheio de empolgação. Mas se mostra decepcionado comigo, pois meu interesse por futebol é mínimo. E tenho quase cinco anos, já era hora de compartilhar da paixão nacional.

Meu pai tem a esperança de que seu próximo filho seja homem e goste de futebol, assim como o pai. É, minha mãe está prestes a parir. Mas antes dessa grande alegria, meu pai tem mais uma decepção. O Brasil é eliminado nas quartas de final. De novo, ele chora no quarto.

No meu aniversário, minha mãe faz um bolinho, que é repartido entre mim, Bianca e Heitor. Cantam parabéns pra você, e fico feliz de orelha a orelha. Meu pai me dá um tapinha nas costas, pois tem medo de que um abraço me transforme em viado.

No início de agosto, nasce meu irmão Djalma. Sim, em homenagem ao jogador de futebol, que, segundo meu pai, é o maior depois do Romeu. Meu pai fica feliz por ter mais um menino, agora sim um craque de futebol, se deus quiser.

— Não use o santo nome em vão, homem! — critica minha mãe. — Deus não gosta de jogo.

— Como você sabe, Eugênia?

— O pastor falou.

— E seu pastor idiota conversou com deus, foi?

— O pastor Dantas é um homem santo!

— Sei que tipo de santo ele é. Sou policial, conheço um pilantra quando vejo um.

— Não levante falso testemunho, Artur.

Getúlio comete suicídio no dia 24 de agosto. Em todo o Brasil, não se fala em outra coisa. Nesta terça-feira, meu pai está de folga.

— Morreu o pai dos pobres, Eugênia! Com um tiro no coração!

— Diz-que se matou, é?

— Ele saiu da vida pra entrar na história, Eugênia! Ele saiu da vida pra entrar na história!

— Isso é falta de deus, Artur! O suicídio é falta de deus na vida da pessoa.

Meu pai, desta vez, não responde. Está chocado, só pensa na coragem do homem em tirar a própria vida para defender seus ideais e entrar para a história. Mas precisa de um culpado:

— Comunistas! Isso é culpa dos comunistas, Eugênia.

Eu sinto a comoção geral pela morte desse tal Getúlio. Imagino que ele é um homem alto e muito branco, de barba branca, com um revólver na cintura. E dá um tiro no próprio peito.

— Comunistas filhos da puta! — digo, entredentes.

E meu pai olha para mim, surpreso, mas orgulhoso, enquanto minha mãe me obriga a rezar dez pais-nossos por dizer palavrão.

Meu pai chama meu irmão de Djalma, nada de Djalminha. E também não abraça o filho. Mas gosta dele mais do que de mim. Desconfiado de que me chamar de Romeuzim e ser tão carinhoso comigo tenha me “estragado”, prefere não errar com o segundo filho.

Djalma também parece ser o orgulho de minha mãe. Com apenas um ano de idade, gosta de ouvi-la orar, chega mesmo a imitar seus gestos devotamente teatrais. De tal jeito, que sua primeira palavra não é “mamã” ou “papá”, mas “aleguuuia”.

Com seis anos de idade, definitivamente, já tenho uma personalidade formada. Não gosto de futebol, nem tenho jeito para os esportes. Todos os dias, sinto o olhar de desconfiança de meu pai sobre mim. Ele sabe de algo que ainda não sei.

Passo meus dias por aí. Brinco com Heitor, com Bianca. Às vezes, brinco com o Djalma, o único integrante da família que parece gostar realmente de mim. Mas meu pai não gosta de me ver junto do meu irmão, sempre acha uma desculpa para nos afastar.

Meu pai encara a eleição de Juscelino Kubitschek com desconfiança. Ele prefere o militar Juarez Távora.

— Mas esse tal de Távora não ajudou a matar o Getúlio?

Meu pai, que não gosta que apontem suas incoerências, simplesmente fala:

— Mulher não entende de política, Eugênia.

— Mas foi o pastor que falou!

Meu pai só respira fundo e fica calado.

Nós moramos no interior de Minas Gerais, em uma cidade calma. Todo mundo conhece todo mundo. Os índices de criminalidade são baixíssimos. Mas meu pai gosta de achar que é um tipo de super-homem. Tem certeza de que muito em breve a grande bandidagem vai descobrir nossa cidade. E está se preparando emocionalmente para isso.

Perambulo sozinho pelas ruas, e todos me chamam, com ironia, de “filho do coronel”. Meu pai é só um policial. Mas se comporta como um coronel e prefere ignorar a ironia, pois se sente elogiado por assim ser chamado pela gente ignorante da cidade.

Um dia desses, sou encurralado por três meninos mais velhos numa ruela meio sinistra. Querem bater em mim, mas não sei por quê. Eles

me chamam de “viadinho”, e, antes de receber o primeiro soco, sou salvo pela voz de uma menina:

— Ele é filho do coronel! Se bater nele, vocês vão apanhar da polícia e ir pra cadeia.

Eles desistem, mas um deles cospe no meu rosto. A menina se aproxima e enxuga minha cara com a barra de seu vestido. Ela tem dez anos de idade e se chama Heloísa.

Ela pega na minha mão, o que me deixa bem confortável. E me leva até a minha casa. Minha mãe nos vê da janela da cozinha, mas parece que não se importa mais com quem ando ou deixo de andar.

Heloísa é uma menina gorda, bela e sorridente. Tem cabelo preto e liso, é morena, possui olhos pequenos e muito pretos. Sorri grande, mas tem um estranho ar senil.

Antes de dizer adeus, ela me adverte:

— Toma cuidado, filho do coronel. Tem muita gente ruim nesta cidade. Não fique andando sozinho por aí, tá bom?

Aceno afirmativamente com a cabeça. E a vejo afastar-se, com seu caminhar firme e confiante. Só então me lembro de dizer obrigado. Porém, ela já vai longe. Então, sinto meu coração acelerar, vou para um cantinho do quintal e choro baixinho.

A tendência de meu pai é estar sempre do lado dos militares, não importa o que façam. Ele acredita que militares estão acima do bem e do mal. Depois de deus, meu pai acredita na força, na violência e no autoritarismo.

Quando os estudantes protestam contra o aumento da passagem dos bondes no Rio de Janeiro, a polícia desce o cassetete sem pena. E meu pai apoia o ato de violência.

— Bando de transviados! Vagabundos! Esses estudantes fazem tudo, menos estudar. Ah, eu bem que queria estar lá, pra meter o sarrafo nesses delinquentes.

Desta vez, minha mãe fica calada.

— Ué, Eugênia, não vai falar nada não?

— Não.

— O que aconteceu? O pastor morreu?

Meu pai dá uma gargalhada. Mas minha mãe começa a chorar.

— Ah, Artur, que maldade! O pastor está muito doente no hospital, não te falei?

— Falou não!

— Pois é. Só muita oração pra salvar meu santo pastor.

Meu pai pensa consigo mesmo: “Vaso ruim não quebra”. Mas não fala nada.

Meu tio Cleito vem nos visitar no final de novembro. Meu pai está revoltado com a prisão do general Juarez Távora.

— Querem calar os militares, Cleito! Querem calar os militares!

Meu tio tem quarenta anos e mora sozinho em Belo Horizonte. É branco, alto e magro. É educado, fala baixo. E conhece o jeito explosivo do irmão. Aprendeu desde cedo a não contrariá-lo. Há boatos de que tio Cleito não gosta de mulher.

— A vida do Cleito ele faz o que quiser lá na casa dele, Eugênia.

— Muito me admira você, que é tão rígido com essas coisas, pensar assim.

A verdade é que meu pai sente muita gratidão pelo irmão, que cuidou dele quando eram crianças. Afinal, a mãe fugira com um desconhecido e o pai vivia bêbado. Nesta visita, tio Cleito, que adora cinema, diz que viu *Juventude transviada*.

E quem duvida que tio Cleito ficou de pau duro e cu aceso diante daquela belezura cinematográfica que é o James Dean? E enquanto todo mundo fala sobre a mudança da capital do país, ele só pensa em conhecer Hollywood. Ah, o meu tio tem sonhos impossíveis.

Uma semana depois, um crime choca a cidade. Heloísa foi estuprada e depois assassinada. Não éramos amigos íntimos, mas eu gostava muito dela. Depois que ela impediu que eu levasse uma surra daqueles meninos, sempre que me encontrava por aí, dizia:

— Está se cuidando, filho do coronel? Fica sempre de olho aberto!

Meu pai promete, para a mãe de Heloísa, que vai descobrir o assassino e jogar sobre ele os rigores da lei. Já minha mãe, fica calada, mas suas expressões dizem muito.

— Que foi, Eugênia? — pergunta meu pai, ao chegarem em casa. — Parece que quer falar alguma coisa.

— O pastor disse que essa menina procurou o que aconteceu com ela.

— Como é que é!? A menina tinha dez ou onze anos!

— Diz-que era provocadora.

Meu pai às vezes sabe ser justo. E, de punhos cerrados, fala:

— Esse seu pastor precisa é de uma boa surra.

— O pastor é um homem de deus!

— Que deus que nada! Ele é um filho do diabo!

Minha mãe arregala os olhos e vai orar na cozinha, enquanto faz a janta.

Já sei ler. E, um dia, na biblioteca da escola, descubro que é bom ler histórias. Estudo de manhã. Mas, depois do almoço, sempre volto para a escola e fico na biblioteca. Ainda leio devagar.

Chego em casa no final de uma tarde de quarta-feira, e lá em frente está a maior confusão. Meu pai matou dois cachorros vira-latas, e a dona de um deles está tirando satisfações.

— Um cachorro estava fodendo o outro, no meio da rua! — justifica-se o meu pai.

Minha mãe tampa os ouvidos com as mãos e vai para dentro de casa. O Djalma vai com ela, agarrado em sua saia.

— Se os outros cachorros não se incomodam, por que você se incomoda? — pergunta a sensata dona do animal morto.

— Viado tem que morrer! — meu pai diz.

No meio da multidão, alguém grita:

— Isso é abuso de poder!

Outro fala:

— Polícia fascista!

Meu pai está nervoso, a farda suada. Então, em um gesto autoritário, pega a arma e atira para cima. A multidão se dispersa, aos gritos. Mas a dona do cachorro morto não arreda pé.

— Vai atirar em mim como fez com o meu cachorro?

A mulher está chorando, e meu pai é daqueles que não consegue ver mulher chorar. Põe o revólver no coldre.

— Olha, dona, a senhora me desculpa. Eu perdi a cabeça quando vi os cachorros naquela indecência. Tinha criança olhando.

A mulher balança a cabeça de um lado para o outro e, antes de ir embora, diz:

— E você ensinou a elas que matar é o correto.

Meu pai então me vê, fica meio sem graça e fala:

— Vai tomar banho, que logo a janta fica pronta.

Entro em casa e ouço minha mãe orar enquanto cozinha. Durante o banho, me lembro de Heloísa. Até hoje, ninguém sabe quem a matou. A violência contra mulheres está no mundo inteiro, e contra homossexuais também.

Mas meu pai está mais preocupado em criticar a construção de Brasília. Enquanto isso, Djalma caminha pra lá e pra cá, e não larga a bola. Parece que vai mesmo ser um jogador de futebol.

Meu pai pede para minha mãe ficar grávida de novo.

— Dessa vez — ele diz, — o nome do menino vai ser Pelé!

— E Pelé é nome, Artur? Isso é apelido, num é não?

— Eu sou policial, mulher. Se digo que Pelé é nome, o cartório registra e ponto-final.

— E se nascer uma menina?

— Deus me livre! Não quero filha mulher não.

Minha mãe balança a cabeça, em silenciosa reprovação. E, por fim, encerra a conversa:

— Se deus quiser me dar mais um filho, ele é que sabe.

Meu pai é o retrato da euforia. Chora, ri, dá gargalhadas. Pula, grita. Solta foguete. Pelé é maior do que deus! Minha mãe protesta. Mas meu pai não se importa com mais nada, só quer gozar a felicidade tão esperada. O Brasil finalmente é campeão!

— Esta Copa fez história, Eugênia! Esta Copa fez história! Cinco a dois, Eugênia! Cinco a dois! Tchau, Suécia! Tchau, Suécia!

Até eu levo uma beijoca na bochecha, e Djalma pula e comemora com o pai, que faz churrasco para os amigos policiais e alguns vizinhos. Festa! Muita festa! Até a alegria toda se gastar, e a vida tomar seu ritmo normal, monótono.

No caso Aída Curi, obviamente, minha mãe e o pastor culpam a vítima. Já meu pai põe culpa tanto na vítima quanto nos agressores, estupradores, assassinos.

— Essa juventude transviada precisa ser contida, Eugênia.

— É o fim da família brasileira, Artur. É o que diz o pastor.

Heitor me apresenta ao Steve Rogers, ou melhor, ao Capitão América. Ele ganhou velhas revistas com histórias do herói. É lógico que me apaixono pelo herói americano. Meu pequeno pau ajuda, portanto, no meu inicial processo de aculturação.

Vivo aventuras com o Capitão América. Lutamos juntos contra os inimigos: nazistas e comunistas. Mas, na minha imaginação, também dividimos uma cama. É, eu tenho essas fantasias já aos nove anos. E elas ficam completas, quando, neste mesmo ano, conheço Batman e Robin.

Eu sou o Robin, é claro!

Meu volume de leitura aumenta a cada dia. Torno-me um leitor eficiente. Além das histórias em quadrinhos, também gosto dos livros infantis. A bibliotecária é minha amiga e sempre separa livros para eu ler nas minhas tardes na biblioteca.

Nos finais de semana, sinto falta desse ambiente. Fico em casa ou perambulo pelas ruas.

Meus pais sempre dão um jeito de afastar o Djalma de mim, de forma que não consigo brincar muito tempo com meu irmão. Mas o menino gosta de mim, e sempre busca o convívio.

— Vamo jogá bola, Romeuzim?

A gente brinca no quintal, ele faz gol, comemora, pula no meu pescoço, a gente cai juntos no chão. E eu sinto, nessas ocasiões, os olhos de meu pai ou de minha mãe sobre nós, vigilantes.

Isso me faz ficar cada vez mais solitário e melancólico. Eu sei que podem me ferir, de diversas maneiras, não só os estranhos, mas principalmente os meus pais. E vivo com medo, as pessoas me dão medo.

Às vezes, leio para o Djalma, que já é um fã do Capitão América. Aí já viu, é *pow*! pra lá e *pow*! pra cá. Então me torno o vilão e alvo dos socos do meu irmão; mas de leve, são de brincadeira, pois só ele não quer me machucar.

Meu pai diz que os comunistas filhos da puta querem dominar o Brasil.

— Deus nos livre, Artur. Os comunistas são ateus e vão acabar com a família brasileira.

Quando Fidel Castro visita o Brasil, meu pai fica revoltadíssimo por Juscelino receber um comunista.

— O presidente está brincando com fogo, Eugênia!

Fidel é visto com admiração por muitos da esquerda brasileira e com asco por tantos anticomunistas. Está fazendo história para ser lembrado como líder de um governo ditador, que persegue homossexuais.

As notícias de greves são para meu pai a certeza de que o comunismo está batendo às portas.

— Trabalhador que nada! Quem não quer trabalhar é vagabundo! A polícia tem que descer o sarrafo nessa gente que cheira o cu dos comunistas!

— Gente que cheira o cu dos comunistas — Djalma repete e cai na gargalhada.

— Quantas vezes preciso dizer pra não falar palavrão, Artur? — minha mãe insiste em reprimir meu pai. — Você não tem jeito, homem!

Meu pai esquece as questões brasileiras quando chega mais cedo do trabalho e vê Heitor me comendo no banheiro de casa. O rosto dele fica da cor de um arco-íris, transtornado diante do fato. Heitor consegue escapar. Mas eu não tenho para onde fugir.

Ele me pega pelo pescoço e me joga contra a parede da sala. Vai me matar, eu sei. Ele dá um tapa na minha cara. Caio no chão, ele me dá mais

e mais tapas, nas costas, braço, perna. Tento fugir, mas ele me agarra e, totalmente irascível, dá um soco na minha cara.

Desmaio.

Acordo na minha cama, sinto dores. A mãe de Bianca está aqui.

— Que bom que você acordou, Romeuzim. Fiquei preocupada. Vou colocar mais gelo no seu rosto, tá bom, meu filho?

Sinto o frio misturado à dor, e choro.

A porta se abre e me encolho: medo de que meu pai queira me bater mais.

— O que aconteceu com o menino, meu Deus!? — exclama minha mãe ao ver o meu estado.

Djalma está com os olhos arregalados.

— Entrou algum bandido aqui, Lourdes? — pergunta minha mãe. — A sala está toda quebrada.

— Vamos lá pra fora que te conto tudo, Eugênia.

Elas saem para que dona Lourdes conte à minha mãe que meu pai me espancou até eu desmaiar porque, segundo ele, eu sou um “invertido degenerado”.

Djalma se aproxima e faz carinho na minha cabeça.

— Vai passá, Romeuzim, vai passá.

Minha mãe volta para me criticar:

— Tenho que te vigiar o tempo todo, Romeuzim? Não posso sair um pouco de casa e você já faz das suas! Quer matar seu pai do coração? E a mim, não pensa na sua mãe, na vergonha que me faz sentir? E na sua alma, meu filho? Você quer ir pro inferno, quer? Pois é pra lá que você vai se continuar com essa... *nojeira*.

A partir daí, meus pais não conversam mais comigo. Fico uma semana na casa de dona Lourdes à espera de tio Cleito, pois meus pais acham que devo ir embora de casa. Quando tio Cleito vê as marcas da violência, fica sombrio. Ao contrário do meu pai, ele não dá expansão à sua raiva, só se consome com ela.

Troca poucas palavras com meus pais, só o necessário. E quando estamos dentro do ônibus, ele me diz, com carinho:

— Agora vai ficar tudo bem, Romeuzim. Na minha casa, você vai poder ser quem você é, ouviu? Esquece seus pais, eles não te merecem. Considera sua nova vida como um presente. Afinal, daqui a dois dias, é Natal.

Posso dizer que estou feliz. Depois de tanto tempo de rejeição, finalmente sou aceito por alguém. A casa do tio Cleito é um sonho. Ele tem um armário cheio de roupas femininas e perucas. É que o tio Cleito trabalha como transformista.

Ele me explica que é um artista. Em vez de trazer teorias que não interessam a uma criança, ele me mostra na prática. Vejo todo o seu processo de transformação. Ele então faz uma perfórmance de sua diva Angela Maria e dubla *Babalu*.

O tio viaja pelo país inteiro com seus *shows* de transformismo. Às vezes, trabalha como ator em peças teatrais. Sua casa é pequena, mas é um luxo, tem até telefone! Quando viaja, o tio me deixa aos cuidados de Nora, sua amiga travesti, que mora em um apartamento grande e luxuoso.

Ela é sustentada por um fazendeiro milionário, casado e com cinco filhos. Nora é um amor de pessoa, e me diz que seu maior sonho é ser mãe. Então ela brinca de ser minha mãe quando tio Cleito está viajando a trabalho.

Um dia, decido usar a maquiagem do tio, fazer caras e bocas para o espelho. E logo percebo que isso não tem nada a ver comigo, não sinto a felicidade que o tio parece sentir quando se transforma.

— Você é livre pra ser quem você quiser — disse o tio ainda no ônibus a caminho daqui, quando meus pais me abandonaram.

Eu sei que sou livre para não me maquiar e ser diferente do tio. Mas quero ser igual ao tio, pois ele é a pessoa mais importante da minha

vida, ele e o Djalma. Então logo entendo que devo ser eu mesmo, do meu jeito.

— Meu pequeno intelectual — diz o tio todas as vezes que me vê com um livro na mão.

Ele me coloca em um colégio particular de um bairro distante e me orienta a dizer apenas que mora na casa de um tio, pois meus pais vivem em uma cidade do interior. De maneira alguma, devo dizer qual é sua profissão, o tio então passa a ser um comerciante.

Tio Cleito não tem vergonha de sua profissão, ele só não quer que eu passe por situações desagradáveis. Já fui maltratado demais, ele me diz. A maioria das pessoas ainda não está pronta para a verdade, é o que ele sempre fala. E sei disso, entendo que ser como somos nos faz alvo da maldade alheia.

Ouço meu tio falar de uma tal Carolina Maria de Jesus, que escreveu um diário e que todo mundo está lendo. Dá vontade de ler também. Então meu tio compra o livro, lê e depois me passa.

Fico impressionado com tanta pobreza e, pela primeira vez, entendo que ser preto pode me causar problemas. Os estranhos olhares dos meninos brancos do colégio começam a fazer sentido.

Nas eleições de outubro, o “vassourinha” moralista Jânio Quadros é eleito o novo presidente do Brasil. E tem João Goulart como vice-presidente. Já lá na terra do Tio Sam, o democrata John Kennedy é eleito presidente em novembro.

Tio Cleito começa a namorar um militar de alta patente. O homem é casado e tem filhos. De vez em quando, ele aparece em casa, me traz chocolates e livros. Agradeço e me esforço para gostar dele. Mas alguma coisa no homem não me cai bem, talvez lembre o meu pai, talvez meu instinto de sobrevivência saiba que ele é um potencial inimigo.

Em uma dessas ocasiões, estou no quarto quando ouço ele comentar na sala:

— Os Estados Unidos cortaram relações com Cuba porque sabem que é impossível negociar com comunistas.

Fecho a porta e volto a me concentrar no livro.

Tempos depois, quando Iuri Gagarin se torna o primeiro homem a viajar ao espaço, o namorado do tio não gosta do fato de a União Soviética conseguir esse feito.

A polarização mundial se acentua quando o muro de Berlim começa a ser construído para dividir a Alemanha em duas: a ocidental, capitalista, aliada do Tio Sam; e a oriental,

socialista, amiga dos soviéticos. A guerra fria está em seu auge.

Jânio Quadros renuncia. E o vice, João Goulart, toma posse. Mas o namorado do tio não vê Jango com bons olhos.

— Tio Cleito, acho que vamos morrer logo!

Ele me olha, numa manhã de novembro, e sorri, enquanto bebe seu café.

— Você agora é adivinho, Romeuzim?

— E se a próxima Tsar Bomba acabar com tudo?

A União Soviética testou a mais potente bomba até então. O mundo ficou assustado. Eu ainda estou, tenho pesadelos à noite com a destruição do mundo e da humanidade.

Meu tio passa a mão na minha cabeça e diz:

— Você se preocupa demais, menino. Logo vai descobrir que pessoas como nós têm o hábito de sobreviver. E que existem coisas piores do que uma bomba atômica.

O que pode ser pior do que uma bomba atômica? Ainda não estou ciente das atrocidades cometidas por políticos, militares, religiosos e até cientistas em todo o mundo. Ainda não sei que há coisas piores do que a morte.

Mas também há coisas boas no mundo. Em 1961, a Tchecoslováquia e a Hungria descriminalizam a homossexualidade. No Brasil,

oficialmente, não é crime há mais de um século. Mas, na prática, somos punidos a cada dia. Sem falar que a ciência ainda nos considera um bando de doentes.

O papa excomunga Fidel Castro, e o namorado do tio, que é católico, acha bastante justo. Os Estados Unidos ampliam o embargo contra Cuba. João Goulart se encontra com o presidente Kennedy na Casa Branca, e o namorado do tio aprova tal atitude.

Tio Cleito conhece a jovem Rogéria, que ainda é “um maquiador”. Nasce então uma bela amizade entre eles, e o tio se torna “conselheira” dela.

O estado americano de Illinois retira de seu código penal as “práticas sexuais não reprodutivas”. Até o momento, é o único, naquele país, a não mais condenar as práticas homossexuais.

O Brasil fica feliz com a vitória na Copa. Inevitavelmente, penso no meu pai. Mas não quero, sua lembrança só me traz sofrimento. Nunca mais tive notícias de casa, e sinto saudade do Djalma. Será que meu irmão ainda se lembra de mim?

Para completar a felicidade do brasileiro trabalhador, é aprovada a lei do décimo terceiro

salário. Os patrões não gostam, eles nunca estão satisfeitos, querem sempre mais no bolso.

Tenho treze anos de idade e nenhum amigo na escola. Estudo bastante e sou viciado em livros. O tio admira meu comportamento, diz que sou intelectual. E compra muitos livros para mim. Já estou pensando até em doar alguns para uma biblioteca, pois meu quarto não tem espaço para tantos.

Também quero ser artista, mas não como o tio. Não tenho propensões para o teatro. A não ser para os bastidores do teatro. E se me torno um dramaturgo? Posso escrever peças teatrais e fazer muito sucesso. Como todos da minha idade, não quero menos do que o máximo.

Às vezes fico melancólico, tenho vontade de chorar e choro, no quarto, não quero preocupar o tio. Tenho saudade do meu irmão, e talvez também dos meus pais, apesar de tudo. Mas tento ocupar meu tempo com os estudos, os livros e o rádio.

Meu tio me pergunta se tenho algum namoradinho. Falo que não. Ele diz para eu tomar cuidado, para pensar duas vezes antes de me declarar para alguém. Ele tem medo de que eu me apaixone por um heterossexual homofóbico.

O medo é meu companheiro inseparável. Além de temer os cidadãos “de bem” deste país,

ainda há a ameaça nuclear. A crise dos mísseis, conflito que envolve Estados Unidos, União Soviética e Cuba deixa todos preocupados.

Talvez o fim esteja próximo.

Tio Cleito me diz que está pensando em vender esta casa em Belo Horizonte. Ele quer que nos mudemos para São Paulo. Assim, ele vai poder viajar menos, já que é em São Paulo que ele faz a maioria de suas apresentações.

Eu não me importo em me mudar. Acabo de fazer catorze anos e já tenho um sentimento que me seguirá por toda a vida: não pertenço a lugar nenhum. Estou mais introspectivo, não gosto muito de falar, mas gosto de escrever.

Minha libido aumentou, sinto tesão o dia inteiro. E bato muita punheta. Percebo olhares nas ruas, tanto de garotos da minha idade quanto de homens mais velhos. Meu tio diz que sou muito bonito e que preciso tomar cuidado.

— Por quê?

— Romeuzim, a beleza desperta desejo e inveja.

O tio quer dizer com isso que pessoas podem me ferir para satisfazer seus desejos ou por inveja. Então devo ter cuidado, não confiar em todo mundo. Ele não precisava nem dizer, sou desconfiado por natureza.

A minha voz está engrossando, minhas costas estão largas e tenho pelos no corpo. Um bigodinho ralo já aparece sobre meus lábios. Estou virando homem afinal. E rejeito em mim qualquer traço feminino, busco ressaltar minha masculinidade, pois sei que assim serei menos vulnerável.

E um fato interessante: as mulheres também começam a me olhar de forma diferente. E isso me incomoda, o assédio feminino é muito incômodo para um homossexual. Mas o tio diz que as mulheres são as maiores amigas dos viados.

Sim, o tio diz “viado” quando está entre outros “viados”. Aprendi que não é ofensivo quando nós usamos. Mas quando os heterossexuais usam, aí é muito ofensivo. Outra coisa, nunca devo me referir aos “heterossexuais” como “pessoas normais”.

— Não somos anormais, Romeuzim, não se esqueça disso.

Nem sei o que seria de mim se não fosse meu tio. Ele sempre me fala de igualdade e de direitos. Não somos tratados com igualdade e nem temos os mesmos direitos que os heterossexuais, mas devemos ter a consciência de que somos iguais, apesar de diferentes.

— Um dia, Romeuzim, as coisas vão mudar. Não estarei vivo pra ver isso. Mas quem sabe você ainda possa desfrutar das conquistas.

Ah, o tio é otimista. Eu não sou. Vejo a vida sem lentes coloridas. As coisas são como são, cruas. A literatura me mostra isso; mas também me faz fugir um pouco deste chão duro que é a existência.

Morre Piaf, na França. Meu tio é um fã. E prepara uma apresentação em homenagem à cantora. Viajo com ele. Em São Paulo, ele se apresenta em uma casa de *shows*. Fico escondido num cantinho, pois sou menor de idade. Transformado em Piaf, tio Cleito dubla *Non, je ne regrette rien*. É ovacionado de pé.

Está todo mundo comentando que a atriz francesa Brigitte Bardot está em Búzios. Assim começa um dos anos mais tristes da história do Brasil. Mas, em janeiro de 1964, só se fala na bela Bardot. Tio Cleito e eu nos mudamos para São Paulo.

Meu pai não chega a ver os militares tomarem o poder. Ele se mata em 12 de março. Estoura os miolos depois que minha mãe foge com o pastor. Djalma encontra o corpo e passa a ter pesadelos com tal imagem.

O olhar de Djalma é de desconfiança. Agora divido o quarto com ele. Mas somos como dois estranhos. Ele tem nove anos e ama futebol.

Tio Cleito é paciente, explica para ele a rotina da casa e fala sobre seu trabalho de transformista. Djalma fala pouco, mas percebemos nele atitudes que lembram meu pai.

Uma semana depois de sua chegada, ouço-o chorar à noite.

— Está com saudade deles? — pergunto.

Ele para de chorar, fica com vergonha.

— Por que ela fez isso?

— Não sei, Djalma.

— Você tinha que ver como ficou a cara dele depois do tiro.

— Imagino.

— Eu queria que ela viesse aqui me buscar.

— Você quer morar com ela?

— É minha mãe, não é?

— É.

— Não quero ficar aqui.

— Logo você se acostuma.

— O tio Cleito é viado, não gosto de viado.

Eu me levanto e acendo a luz.

— Agora, precisamos ter uma conversa séria.

Digo-lhe que foi tio Cleito quem cuidou do nosso pai quando a mãe deles também fugiu com

outro homem e nosso avô se matou depois de se entregar à bebedeira.

— Será que isso vai acontecer com um de nós dois também, Romeuzim? Será que um de nós vai ser traído pela mulher e depois se matar?

— Eu não vou me casar.

— Por quê?

Conto-lhe que sou homossexual e como nosso pai me espancou e me mandou viver com o tio Cleito. Digo que ele, Djalma, era o único que gostava de mim naquele tempo. E termino dizendo que nosso pai e nossa mãe me odiavam por eu ser “viado” e o ensinaram a odiar pessoas como eu. Mas somos irmãos e agora só temos um ao outro e o tio Cleito.

Estamos sob o regime militar. É só o começo. Vejo a preocupação no semblante do tio, mas ele tenta disfarçar. Apesar de tudo, a vida continua e tentamos nos adaptar ao novo normal.

Em maio, tio Cleito vê a estreia de Rogéria no espetáculo *International set*. Ela é como uma filha para o tio Cleito.

Djalma está cada vez mais agressivo com tio Cleito. Até que o tio o desafia a jogarem uma partida de futebol no quintal de nossa casa. Djalma dá um risinho de lado, pois “viado” não sabe jogar bola.

Tio Cleito surpreende até a mim, dez a um, depois de dribles impressionantes.

— Quem você acha que ensinou seu pai a jogar futebol? — ele diz a um Djalma boquiaberto no final da partida.

A partir daí, meu irmão começa a respeitar o tio.

No aniversário de Djalma, o tio faz um bolo delicioso e dá uma bola autografada para ele. Só não conta que o jogador que a autografou já foi um frequentador assíduo da cama do tio Cleito.

No fim do ano, Djalma parece mais feliz. Meu irmão não nasceu para a infelicidade, há pessoas que são naturalmente felizes. Ele está empolgadíssimo com a notícia de que existe um trem superveloz no Japão.

— Diz-que é veloz feito uma bala, Romeuzim. Já imaginou?

Tento passar para o meu irmão o gosto pela literatura, mas ele não gosta de ler. Gosta de cinema, mas não vê *Mary Poppins* comigo, pois acha que é filme de viado. E se diverte muito com *O professor aloprado*.

O nome do meu amigo é Guto, ou melhor, Augusto. Mas todos o chamamos de Guto. Meu primeiro melhor amigo e também o meu primeiro amor. Durmo pensando no Guto e acordo

pensando nele. O tio percebe que ando triste, vê meus olhos vermelhos de tanto chorar.

— Romeuzim, sei que seus olhos vermelhos não são por causa de maconha. Até porque você é meio careta. Então, o que é?

Conto que estou apaixonado, mas que Guto é heterossexual.

— Ai, viado, por que temos a mania de nos apaixonar por heterossexuais?

Ele me dá um beijo na testa.

— Para de sofrer, menino! Pode amar o rapaz como amigo. Sexo não é a coisa mais importante da vida.

Ele dá uma gargalhada.

— Como se um adolescente conseguisse entender isso! Você ainda é escravo dos hormônios. Só vai entender o que estou dizendo quando ficar adulto.

Ele me abraça e diz:

— Se estiver sofrendo, é melhor se afastar dele.

Eu me desvencilho do abraço.

— Não, tio, longe dele não posso ficar.

O tio balança a cabeça de um lado para o outro e sai cantando *Babalu*.

Guto vive com um violão pra lá e pra cá. Mas não tem televisão em casa. Então vem até a minha para ver o Festival de Música Popular

Brasileira, transmitido pela TV Excelsior. O tio também assiste e fica impressionado com *Arrastão*, a canção vencedora, e com sua intérprete.

— Essa moça é fan-tás-ti-ca! Como é mesmo o nome dela?

— Elis Regina! — diz o empolgado Guto, enquanto olho para seu rosto lindo e quase babo de amor.

Começo a me interessar por política porque Guto é rebelde e libertário. Ele apoia os estudantes da USP, que tiveram o CRUSP, o alojamento estudantil, invadido por policiais militares. O movimento estudantil está proibido de protestar contra a ditadura. Mas estudantes saem às ruas, dias depois, em protesto contra a invasão do alojamento.

Eu amo os Beatles, tenho sonhos molhados com o John Lennon. Guto acha os garotos de Liverpool um bando de alienados. Prefere se preocupar com a política brasileira, comenta sobre a volta de Juscelino ao Brasil. O ex-presidente estava exilado em Portugal.

Guto fica revoltado com o AI-2, que extingue os partidos políticos já existentes. Surge então a Arena, um partido que apoia a ditadura militar. O regime também permite a criação de um partido

de oposição, o MDB. Assim, se instala no país o bipartidarismo.

Meu amigo tem a mesma idade que eu, ou melhor, é três meses mais velho. Tem um corpo másculo, um rosto simétrico, cabelo preto e ondulado, pele morena, olhos pretos, nariz e boca grandes. As costas perfeitas, o peito perfeito, a barriga perfeita, as pernas perfeitas, mãos e pés perfeitos, a bunda perfeita e deve ter o pau perfeito.

É claro que a paixão não me permite enxergar qualquer imperfeição em meu primeiro amor.

Estamos em um país que, desde a decretação do AI-3, também não tem mais eleições diretas para governador e prefeito. Ouço falar que um tal Luís Carlos Prestes, líder do Partido Comunista Brasileiro, foi condenado à prisão. Quando comento que não sei quem é Prestes, ouço do Guto:

— Você é mesmo alienado, Romeuzim!

Guto sorri, tolerante, e dá um tapinha nas minhas costas.

— Como você pode ser alienado se você lê tanto, Romeuzim? Ah, é porque você só lê porcaria.

Tio Cleito e eu fazemos aniversário no mesmo mês, em julho. Apesar de viver em um

país sombrio como este, tio Cleito decide comemorar os seus cinquenta anos e os meus dezessete. Ao saber disso, Djalma se manifesta:

— E eu?

— O que tem você?

— Ué, tio, meu aniversário é em agosto.

— E daí?

— Como e daí? Essa festa tem que ser minha também, ora!

Tio Cleito sorri e declara:

— Então vamos comemorar meus cinquenta, os dezessete de Romeuzim e seus doze anos, Djalma.

— Assim é que se fala, tio!

Djalma é mais claro do que eu, de forma que não é considerado preto para a maioria dos brasileiros e das brasileiras. Mas seu cabelo é crespo, sempre impecavelmente cortado. Djalma é um menino vaidoso e se preocupa bastante com a aparência.

Na festa, há muitos homossexuais e travestis. Mas todos chegam sem fazer alarde. É uma ditadura, meu bem! Melhor não dar motivo para os defensores da moral e dos bons costumes começarem uma encrenca. No mais, as amigas e amigos do tio Cleito são gente finíssima! Durante toda a festa, há só uma música de fundo, enquanto todos conversam e riem.

Djalma está com uma cara de tédio, só esperando para cair de boca no bolo. Não convidou ninguém, pois não tem amigos.

Guto chega acompanhado de Rita, sua namoradinha. Eu não sabia que eles estavam namorando. Que presente de aniversário! Fico deprimido a festa inteira, enquanto Guto e a mocinha não se desgrudam. Quando a festa acaba, tento dormir e esquecer.

Guto passa a ter um olhar diferente para John Lennon quando o rapaz é “crucificado” por declarar que sua banda é mais popular do que Jesus.

— Quem tem a capacidade de mostrar a verdadeira face odiosa de conservadores cristãos, só pode ser alguém que vale a pena.

Diante dessa declaração tão madura, sorrio, embevecido. Só não conto para o Guto que tenho fantasias sexuais com Lennon. Sou apaixonado por Guto, mas uma coisa não tem nada a ver com outra, tesão e amor são duas coisas diferentes, todo homem sabe disso.

O presidente fascista sanciona a lei que cria o FGTS. O objetivo é que esse fundo substitua a estabilidade decenal e a indenização por tempo de serviço. Os patrões criticavam a estabilidade e a indenização. O fundo também vai servir para financiamento habitacional.

Em 1967, entra em vigor a sexta Constituição brasileira. A Lei de Imprensa, para censurar os veículos de comunicação, é sancionada.

— Desgraçados! — diz Guto, com os punhos cerrados.

Já a promulgação da Lei de Segurança Nacional visa coibir atos contra a ditadura, ou seja, combater um “inimigo interno”.

Guto está decidido a fazer faculdade de História. Não quero me separar dele, e decido ser historiador também. Mas Guto não me apoia, acha que não tem nada a ver.

— Você é um alienado, Romeuzim. Como é que vai fazer História?

— Pensei que ficaria feliz se fizéssemos isso juntos.

— Eu fico, meu amigo, eu fico. Mas não sei se você vai estar feliz em um curso que não tem nada a ver com você.

— Você diz que sou alienado. Talvez a faculdade resolva esse problema.

— Pode ser, Romeuzim, pode ser...

Djalma fica todo empolgado com a visita do rei da Noruega.

— Não sabia que você era monarquista, Djalma — fala tio Cleito.

— Eu gosto dessa coisa de rei, tio.

— Ah, é?

— É sim, eu queria ser rei, eu queria muito ser rei. Mas não é qualquer rei não, é um rei do futebol, que nem Pelé!

Ele vai ao quarto e volta para a sala com uma velha revista nas mãos. Ali, há uma crônica de 1958, escrita por Nelson Rodrigues. Ele lê um trecho para a gente.

— Fascista! — diz Guto, entredentes.

— Quem? Pelé? — eu pergunto.

— Não! — ele responde. — Esse tal de Nelson Rodrigues. Ele apoia a ditadura.

Guto e eu ingressamos no curso de História da USP. Ao contrário do que meu amigo pensava, tem tudo a ver comigo. Logo me apaixono pelo curso, que vai ser responsável pelo fim da minha alienação.

No Rio de Janeiro, o estudante Edson Luís de Lima Souto é assassinado pela polícia. Tiro no peito, à queima-roupa, durante um protesto contra o aumento do preço da comida do restaurante estudantil Calabouço.

Temendo que a polícia desapareça com o corpo, eles carregam o cadáver, em passeata, até a Assembleia Legislativa, onde é feita a autópsia e o corpo é velado.

Ódio é o que sinto, pela polícia, pelos militares em geral, que comandam este Estado fascista. Guto está com mais ódio do que eu, pois

vem acumulando-o há mais tempo. Mas tem a esperança de que agora o povo se revolte e tire os milicos do poder.

— Mas os fascistas têm as armas, Guto.

Diante dessa verdade, ele se cala, antes de dizer:

— Estou pensando em entrar na ALN.

— O que é isso?

— Ação Libertadora Nacional.

Fico calado.

— Luta armada — ele diz e me olha, como se pedisse aprovação. — Um camarada me falou a respeito.

Dou tapinhas em seu ombro, e nos separamos em uma esquina.

Djalma me diz que está pensando em ser médico e me mostra a notícia do cirurgião brasileiro que fez o primeiro transplante de coração na América Latina. Seu nome é Euryclides de Jesus Zerbini.

— Imagina só se fosse eu.

Djalma sonha em ser famoso, e não entendo por quê.

No Rio de Janeiro, ocorre a Passeata dos Cem Mil, contra a ditadura militar. Ela foi organizada pelo movimento estudantil. A reação vem logo, o ministro da Justiça proíbe manifestações em todo o Brasil.

Elizabeth II, a rainha da Inglaterra, faz uma visita ao Brasil. Fica aqui durante alguns dias. E Djalma logo me diz, outra vez, que queria ser rei. Mas agora rei de verdade, por direito hereditário, não rei do futebol.

Porém, nosso país está longe de ser um conto de fadas. A polícia de São Paulo faz uma "limpeza" no centro da cidade para não ofender os olhos de sua majestade. A "sujeira" são prostitutas e homossexuais. Travestis são presas, humilhadas, espancadas e obrigadas a limpar a cadeia. E essa situação vai continuar depois que a monarca for embora.

Em 13 de dezembro de 1968, o fascista na cadeira da presidência decreta o AI-5. A partir de então, o poder se concentra nas mãos do presidente, e o cidadão suspeito de "crimes políticos" não tem direito a ampla defesa, não tem direito algum. Não são permitidas manifestações políticas. Se ainda havia um resquício de liberdade, agora não existe mais nada. E, no final do mês, é divulgada uma lista de deputados federais cassados.

É um ano inesquecível e brutal. Porém, no Canadá, as leis que puniam homossexuais caem por terra. Um acontecimento bom em meio a tanta dor e sombra.

Em 28 de junho de 1969, ocorre a Revolta de Stonewall. O bar *gay* Stonewall Inn, em Nova Iorque, é invadido, mais uma vez, por policiais. Mas, desta vez, os clientes do bar reagem aos abusos. As travestis são as principais soldadas nesta batalha histórica.

No mês seguinte, em 20 de julho, Djalma está grudado na frente da televisão para ver a chegada do homem à Lua. É domingo, final de tarde. Djalma está sentado no chão, como que hipnotizado. Eu e o tio, de pé, logo atrás, como se estivéssemos prontos para sair.

O Guto não aparece aqui em casa faz tempo, está andando com outro tipo de gente, falta às aulas. E não creio que esteja feliz com a chegada do homem à Lua, pois, na verdade, é a chegada do americano à Lua, do porco capitalista.

— Neil Armstrong! — exclama Djalma — Que batuta! Ah, deve ser bom ser astronauta.

Olho para o tio, e nós dois sorrimos, pois meu irmão é muito engraçado com seus sonhos monárquicos. Agora Neil Armstrong é seu novo rei.

Meses depois, Carlos Marighella, ex-deputado e atual líder da ALN, é assassinado por agentes do DOPS, na cidade de São Paulo. Logo penso em Guto, a quem não vejo mais, mas ainda assim amo.

A Comissão de Investigação Sumária é responsável por uma caça às bruxas no Ministério das Relações Exteriores. As bruxas, nesse caso, são homossexuais. Identificados, são submetidos à humilhação, seguida pela exoneração. Um deles é o diplomata Raul José de Sá Barbosa.

Shows de travestis em teatros passam a ser proibidos. Imagine como o tio Cleito se sente. Por ter uma carreira longeva que lhe permitiu comprar uma casa e juntar algum dinheiro, o tio ainda pode sobreviver. Mas se preocupa com suas amigas.

Ele continua se encontrando com o militar, e não entendo por quê. Mas não ouso questioná-lo. Devo tudo ao tio Cleito. No mais, está magro e percebo uma acentuada tristeza em seu olhar.

Em 26 de janeiro de 1970, é publicado o decreto-lei 1.077, que censura "publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos bons costumes". Uma reação à entrevista que a atriz Leila Diniz concedeu a *O Pasquim* no ano passado, em novembro de 1969. Na entrevista, a atriz falava muitos palavrões e defendeu a liberdade sexual das mulheres.

A Copa do Mundo tem início em 31 de maio, no México. Djalma só fala nisso, e tantos outros alienados também. Ele comemora, em 21 de junho, a vitória do Brasil.

— É tri, é tri, é tri! — ele grita e pula e me abraça.

Lembro-me do meu pai e me afasto, deixo o Djalma comemorando. Não gosto de me lembrar dos meus pais, a sensação é ruim, muito ruim.

A felicidade geral dos alienados não muda a realidade, estamos em uma violenta ditadura.

Ouço, pela primeira vez, o termo "*gay*". Ou, pelo menos, é a primeira vez que tal palavra chama a minha atenção. No entanto, ela ainda não faz parte do meu vocabulário ativo.

Tio Cleito tem um infarto enquanto apresenta um *show* de transformismo em uma boate, sob a proteção de seu namorado militar. Morre com apenas cinquenta e quatro anos. Preciso cuidar de toda a questão do enterro, e nem tenho tempo para chorar. Faço tudo em silêncio, com a sensação de ter uma bola de pelo na garganta e uma tábua no peito.

As amigas travestis do tio me ajudam no que podem. Nora pega um avião e vem prestar a última homenagem ao amigo. Alguém diz que Rogéria precisa ser avisada. Mas ninguém tem o contato dela. Nora só sabe que ela foi embora do Brasil, acha que ela está na Espanha, mas não tem certeza. Já o namorado do tio não aparece nem no velório, nem no enterro.

Após o enterro, decido distribuir os vestidos do tio para suas amigas. E quase lhes dou também as joias. Mas Nora me diz que algumas delas devem valer alguma coisa, que o tio já teve muitos namorados ricos. Estou cansado, e aceito seu conselho amigo.

A casa finalmente fica vazia. Ou melhor, estamos ali Djalma e eu. Mas sem o tio, é como se não houvesse ninguém mais. Estou exausto. Deito-me e, então, o choro explode. Chorando, adormeço.

Nora estava certa. Algumas joias do tio são valiosas. Assim, ele nos deixou uma casa, essas joias e algum dinheiro na poupança. Agora somos só Djalma e eu. E me torno responsável pelo meu irmão, que tem dezesseis anos.

A morte do tio me faz pensar na minha própria morte. A juventude traz a ilusão da vida eterna, mas com tantos colegas da faculdade desaparecendo, a morte é presença constante. E o tio era a vida para mim. E um exemplo de coragem e de resistência.

Pois é, em 1 de janeiro de 1971, me torno um puto. Não, não puto que cobra para foder. Não, puto que fode por prazer. Passo a frequentar cinemas, saunas e certos lugares em São Paulo onde a coisa pega fogo. Em meio a toda a angústia da opressão, descubro um parque de

diversões. Só prazer, sem envolvimento amoroso, pois meu coração é do Guto.

Alguém me fala que o viu em algum lugar. Essa pessoa diz que ele está muito magro. Mas não sei se posso confiar na fonte.

Djalma me aparece em casa com sua primeira namorada. Elaine, uma garota de vinte anos. Mais velha do que meu irmão, que vai fazer dezessete em agosto. Estão apaixonados e, nesse início de namoro, ficam o dia inteiro no quarto, onde fodem e fumam maconha.

Meu irmão e eu nos vemos muito pouco. Passo o dia envolvido com a faculdade e faço estágio em uma escola pública. Nos finais de semana, caio na vida. Festas, álcool e muita foda. De repente, percebo que sou popular. Não estou falando apenas dos caras que brigam para foder comigo. Nas festas, acabo fazendo muitos amigos. Nem só de foda vive o homem, mas também de amizade.

Jota, Cato, Augusto, Léo, Ricardo e Bela. Com eles, encontro o meu mundo, me sinto pertencente a uma comunidade. Mas tenho carinho por muitos outros que encontro nas noites sempre quentes, mesmo que estejam frias.

Dia desses, chego em casa por volta das quatro da manhã de um sábado. Estou bebendo água na cozinha, quando Elaine aparece,

completamente nua, e diz olá. Nunca conversamos até então, apesar de o namoro já durar dois meses.

Ela bebe água e depois me diz:

— Djalma disse que você é viado. Tenho muitos amigos viados.

“E devo agradecer?”, penso.

— Deve estar sendo difícil pra vocês sobreviver neste país fascista.

— Está difícil pra todos.

— Todos não.

— É, os fascistas estão no paraíso.

Ela sorri, coloca o copo na pia e coça a barriga, antes de dizer:

— Vocês deviam se organizar pra combater os fascistas.

Não sei o que responder.

— Sei que alguns de vocês estão na luta armada.

Sorrio, ironicamente, antes de dizer:

— Mas os comunistas também não são fãs de viado.

— O machismo está em todo lugar.

Ela diz e se afasta rumo ao ninho dos pombinhos lascivos. Não consigo evitar o sorriso, quase começo a gargalhar ao pensar no que diriam meu pai e minha mãe se soubessem que o

caçula está namorando uma comunista, feminista e, provavelmente, ateia.

Quando Lamarca é assassinado, ela exclama:

— Filhos da puta!

Djalma fica meio sem jeito, porque ele conserva algo do moralismo aprendido na infância. Mas tenta disfarçar seu constrangimento diante de mim, não quer parecer um careta.

Elaine é esguia, morena, possui liso cabelo castanho, olhos grandes e esverdeados. Usa óculos, o que lhe acentua o ar de intelectual. É estudante de Ciências Sociais. E tem certo poder sobre meu irmão, que parece um cachorrinho obediente quando está com ela.

Jota e Cato adoram-na. Dizem que ela é uma mulher forte, que sabe o que quer. Jota é gordo, preto, alto. A princípio, pode parecer frio. Mas é um doce de pessoa. Cato também é gordo, porém branco e tão feminino! Baixote. Ama Hollywood, sonha em viver lá. Ambos são estudantes de Letras. São belos esses meus amigos, e sempre têm um namorico em algum lugar.

Começo a dar aula em uma escola pública. A maioria dos professores é fascista. Quem não é, precisa ficar calado para não sofrer represálias. Antigos professores foram calados, afastados ou presos. O professor de Moral e Cívica é assustador, parece um militar.

A disciplina é rígida nessa escola, parece um quartel. E há muito professor sem qualificação. Olho para as crianças e tenho pena. Alguns vão abandonar a escola, outros vão fazer um curso técnico para se tornarem servos dos donos do capital. Meus colegas me olham com desconfiança, pois fiz História em uma boa faculdade e sou preto.

No dia 1 de julho de 1972, ocorre a primeira marcha do orgulho *gay* na Inglaterra. Aqui no Brasil, esse tipo de evento é completamente improvável. Quem sabe um dia nós também possamos sair às ruas e obrigar os fascistas a suportarem a nossa existência.

Dias depois de meu irmão fazer dezoito anos, ele e Elaine desaparecem. Fico desesperado, busco em todo canto e acabo descobrindo que ele está preso por envolvimento em "ações subversivas" com a namorada. Um conhecido também me informa que Guto "caiu". Eles estão sendo torturados, é só no que penso.

Nos pertences do tio, encontro o telefone de seu namorado em uma agenda. Ligo, peço o favor de interceder pelos dois. Irritado, ele diz:

— Nunca mais ligue pra mim, ouviu? Vou te ajudar desta vez em respeito ao seu tio. Mas você tem que escolher entre seu irmão e esse tal de Guto, os dois não pode ser.

Dias depois, Djalma é jogado nu na frente de casa. Acordo com as batidas na porta. Abro, e ele cai nos meus braços, em prantos. Fica dias deprimido no quarto, grita à noite, com dolorosos pesadelos.